







CAMERINO

Supramonta

Supramonta, Vampi

C A M E R I N O

24

Francia

CALASANS (PEDRO)

CAMERINO



(EPISODIO DA GUERRA DO PARAGUAY.)

Vaupré

BAHIA

Officina litho-typographica de J. G. Tourinho

1875

Ao Exm. Sr. Conde de Porto Alegre

O. D. G.

o auctor.

A SOCIEDADE BENEFICENTE FRATERNIDADE SERGIPANA

AOS LEITORES.

Quando, em 1874, o mavioso poeta Dr. Pedro de Calasans, tão prematuramente roubado ás lettras patrias, espontanea e generosamente offerecera á esta beneficente sociedade o seu mimoso e inedito poemeto — CAMERINO — . fêl-o acompanhado de uma carta enriquecida não só de sentimentos nobres da sua alma como tambem de grandiosissima copia de pensamentos e conceitos Moraes. E, sendo ella confiada ao distincto ex-orador da Sociedade, Dr. João das Chagas Rosa, para transmittir ao generoso poeta os devidos agradecimentos no seio de uma Commissão delegada, cujo interprete elle era, succedeu não ser restituída a preciosa carta ao archivo da Sociedade; devido talvez á repentina mudança effectuada pelo referido ex-orador para o Rio de Janeiro.

Eis a razão porque vimos, — tributando publi-

ca e sincera homenagem de profundo e immorre-
douro reconhecimento á memoria do nosso sempre
lembrado e talentoso comprovinciano, — pedir des-
culpa aos dignos leitores por essa tão sensível quan-
to involuntaria falta, que priva-nos nesta occasião
do immenso prazer que haveríamos de illnstrar al-
gumas paginas com as delicadas lettras do notavel
poeta.

Finalmente, seja-nos permittido desde já mani-
festar a nossa gratidão aos dignissimos e numerosos
cavalheiros que snbscreveram para esta publicação,
tornando-se cooperadores da Sociedade que imme-
recidamente representamos.

S. Salvador, 24 de Fevereiro de
1875, 1º anniversario do prema-
turo fallecimento do poeta!

O Conselho Directorio.

J. Vampri

C A M E R I N O

(EPISODIO DA GUERRA DO PARAGUAY.)

« Ou morre o homem na lida,
Feliz, coberto de gloria,
Ou surge o homem com vida,
Mostrando em cada ferida
O hymno de uma victoria. »

—TH. RIBEIRO—*D. Jayme*, cap. 2.

Bellicas tubas pregôam
Da guerra a declaração!
Do sul ao norte rebôam
Os pregões ! e os bravos vôam
Para vingar a nação !

Do longo, geral marasmo
Surgem de bravos milhões !
Tanto fervor causa pasmo ! ...
E aos cantos do enthusiasmo
Marcham lindos batalhões !

Quanto póde o patriotismo
Na terra da Santa-Cruz !
De si se move o quietismo ;
Degela-se o scepticismo ;
Por toda parte : — Eia ! sus !

E as avalanches que rolam
Transformam-se em corpos mil !
Os *Voluntarios* se arrolam,
No altar da patria se immolam
Em holocausto ao Brasil !

**Ide, por Deus bemfadados,
Nossa bandeira beijae !
Por Deus, por ella escudados,
Ide bater-vos, soldados,
Nos campos do Paraguay !**

**Ide, soldados ! — nossa causa é santa
Das gentes o direito é seu pañal !
Morra o crime na lobrega garganta
D'essa hyena feroz ! — Ao mundo espanta
Seu instincto cruel, vil, canibal !**

**Ide ! — lembrae-vos de que sois renovo
Da geração liberrima de avós !
Que um bemdito torrão do Mundo-Novo
Beba o sangue em golfadàs d'esse povo
Deus póde consentir ? . . . consenti vós ? . . .**

Nunca ! jamais ! — o sangue do Calvario
 Da liberdade foi a redempção !
 O despotismo envolto no sudario,
 Por luzes e por luxo funerário
 Teve o sol da caudal Resnrreição !

Este seculo é de aspirações ao bello,
 De largas, liberaes instituições !
 Novo Jasão, reconquistou o vello
 Da liberdade, sen constante anhelou,
 Bella conquista, o escudo das nações !

Ide, soldados ! — decepae o tronco
 D'esse ferrenho anachronismo vil !
 Ao tyranno dizei, da guerra ao ronco,
 Que o despotismo rude, torpe, bronco,
 Na America extinguir ha de o Brasil !

**O immaculado labaro
Domina os esquadrões!
Sôa a corneta bellica!
Movem-se as ondas turgidas
Das bastas multidões!**

**Ha faces lindas, pallidas,
Que linda aureola têm!
Ha muita forma athletica
N'aquellas hostes nitidas
Que aos sons da guerra vêm!**

**Ha muitas flores humidas -
Das lagrimas do amor!
Ha muitas vozes tremulas,
Muitos adeuses pavidos,
Saudades . . . não temor!**

**Mas pôde a força electrica
De um patriotismo são,
Lenir as ancias trepidas,
Limpar as grossas lagrimas,
Suster o coração !**

**Rompe a harmonia rythmica
Do hymno nacional !
Cebros os vivos fervidos
Sobem de envolta aos canticos
De um puro amor filial !**

**Entre as filas das hostes guerreiras,
Que circumdam da patria o pendão ;
Entre as fardas luzidas, lampeiras, —
D'essas tropas que marcham fragueiras,
Impellidas por mago condão ;**

Entre a flor d'esses fidos Achates
Que se ergueram nas azas da fé,
Pela honra vingar dos penates,
E se atiram buscando os combates,
Esse lindo paizano quem é? . . .

Seus cabellos ondados resguarda
Um chapeo meio a lado, á-la-mar ;
Tem casaco de linho e não farda ;
Traz no hombro a seu geito a espingarda,
Companheira de guerra, sem par !

Tem na frente estampado um dos sellos,
Que aos eleitos reserva o Senhor !
Negros olhos, da côr dos cabellos ;
Olhos vivos que praz-nos de vel-os ;
Tem no aberto sorriso um penhor !

Tem na curva dos labios inscripta
A firmeza que honrou a Jephthé !
Seu andar o valor sobrexcita ;
Quer-lhe bem—sem querer—quem o fita ! . . .
Esse lindo paizano quem é ? . . .

.....

Em clima temperado e doce e ameno,
Sob um ceo limpidissimo de anil,
Implantada no mais fertil terreno,
Que banha o São-Francisco aureo, sereno,
Ao norte, uma provincia ha no Brasil !

Do rival do Niágara visinha,
Do Paulaffonso ao pé, lhe ouve o fragor ;
Si para o norte o passo se encaminha,
Si para o sul, é sempre ella rainha
De riquezas, lavouras e frescor !

Altas montanhas, fontes cristallinas ;
Sol deslumbrante, um nitido luar ;
Varzeas pingues, uberrimas campinas,
Mattas virgens, jardins, prados, collinas ;
Eterna a primavera, e immenso o mar !

Horisontes diaphanos, sem raias ;
Ricas madeiras, mineraes sem fim ;
Sitios ridentes, pittorescas praias,
Palmeiras, fructos, aves, flores gaias :
—Meu Sergipe-d'-Elrei, patrio jardim !

Lá onde as cornucopias da abundancia
 Se derramam perennemente, ao sul ;
 Onde tudo respira alma fragrancia,
 Assenta-se donosa a bella *Estancia*,
 Meu ninho, meu amor, meu sonho azul !

Do Piapitinga bello
 A Estancia á beira está !
 Lirio inculto, singelo,
 Que ainda sem desvelo
 Brilhando crescerá !

N'um dia purpurino,
 N'aquella terra—ali,
 Nasceu bello um menino,
 Chamou-se CAMERINO ;
 Bem pequeno inda o vi !

Cresceu, cresceu-lhe a graça
E o porte senhoril ;
Homem, bebeu na taça
Amarga da desgraça,
De um modo varonil !

Não o torcem da sorte
Os duros repellões ;
Antes mais firme e forte,
Assiste calmo ao corte
De suas illusões !

Tinha um caracter plano
Que sempre lhe estimei !
Um typo de spartano
N'um fundo de romano ;
Era um peito de lei ! . . .

.....

**A guerra alarma os povos, ás armas os convida !
 Os echos dizem—guerra !—na terra e ceo, no ar !
 E na alma do mancebo de amor estremecida,
 Embora outros amores, embora outra ferida,
 De um lance vê-se a chamma brotar, luzir, manar !**

**CAMERINO se erguera, como outr'ora um athleta
 Na Roma tribunicia, nas grandes convulsões !
 Doura-lhe um bello disco a fronte irrequieta ;
 E no verbo inspirado do portuguez poeta
 Este motte de guerra repete ás multidões :**

**Ou morre o homem na lida,
 Feliz, coberto de gloria,
 Ou surge o homem com vida,
 Mostrando em cada ferida
 O hymno de uma victoria !**

**Depois, busca a espingarda desde o nascer da aurora,
 A brune como ouro, como um puro cristal !
 Revê todas na mente, cada illusão de outr'ora ;
 Aos pés da Virgem-Santa que fervoroso adora,
 Dobra os joelhos, ora ! — momento sem igual !**

**Apresta-se a partida dos guapos contingentes
 Que envia meu Sergipe á guerra dos Titans !
 Vae Freitas, o brioso, valente entre os valentes ;
 Vae Leopoldo Amaral ; vão moços diligentes ;
 E meu irmão — entre elles — Joaquim de Calasans ! . . .**

**Freitas, o redivivo,
Que já resuscitou,
Em um trause afflictivo,
De que acaso—vivo—
O tumulto o regeitou! (1)**

**Achilles vulneravel
Foi só no calcanhar!
Freitas impenetravel,
Da metralha execravel,
Ha de certo zombar!**

**Seu gladio e a bainha
De manchas sem signal,
Como lembrança os tiuha,
Herança que lhe viuha
Do zelo paternal!**

De Larangeiras bella
Elle era o lustre, a flor !
Illustre cidadella
Da virtude singela,
Gemea irman do valor !

O pareo de Atalanta
Ninguem lhe disputou !
Primeiro se levanta,
E corre, exhorta, canta . .
E a patria despertou !

Vae Leopoldo — o mancebo sublime
Que o rebate mavorcio seduz !
Não se pôde conter, não reprime
Esse ardor juvenil que se imprime
No semblante onde espalha-se a luz !

Viva luz, resplendor que deslumbra,
E illumina os eleitos que são;
Luz da gloria immortal que vislumbra,
Um perfume do ceo que ressumbra
Como o calix da flor na estação !

Vae Leopoldo, o mancebo galhardo,
Em demanda das lidas crueis !
E da guerra ha de em flor cada cardo
Converter-lhe o valor ! e ha de o bardo
D'essas flores tecer-lhe os laureis !

D'esse fragil mancebo o transporte
Poderoso incentivo ali é !
Quantos moços, zombando da morte,
Saturnino, o leal, Gordo, o forte,
Quantos outros não surgem de pé !

Meu irmão, para o qual se entreabria
 Um futuro pejado de dons ;
 Um talento que ás glorias surria,
 E entre as flores da vida corria . . .
 O clarim ouve, e acode-lhe aos sons ! . . .

CAMERINO ergue-se ufano,
 Ardente, cheio de fé!
 « Tambem, diz, sou sergipano !
 Voluntario paizano
 Entre vós hei de ir ! hófé ! »

Em seu rosto vê-se o lampo
 De uma alma de não torcer ;
 Parece um roble no campo
 Roble que affronta o relampo,
 Para o ceo sempre a crescer !

Como o volátil canario,
No alvorecer da manhan,
Canta alegre seu fadario ;
Mas tem da alma no sacrario
A imagem de sua irman !

Um dia — infeliz semana ! —
Assim disse o breve adeus :
« Tenho febre ! e febre iusana !
A' guerra ! . . . adeus, Marianua !
Minha irman ! te entrego a Deus ! »

Infeliz semana ! abriste
Quanta dor n'um coração !
Já tinhas roubado á triste
Sua roseira, e a impelliste
Mais n'esta cousternação ! . . .

E partio-se ! e partiram-se os bravos
Entre as flores e os prantos de amor !
E os adeuses saudosos e cavos
Surdos vinham do peito, onde os cravos
Affixava o martello da dor !

Este beija da mãe fria a frente ;
Aquellontro se abraça com o pae ;
Um a espôsa consola ; outro a fonte
Vê dos prantos da irman que é defronte ;
Cadaqual vae partido, ou não vae !

Que soluços ! que maguas ! que prantos !
Quem saudades mais fundas, quem vio ?
N'essa hora os gemidos são tantos !
D'essa hora os minutos são santos !
Quem ali não chorou, não sentio ? . . .

**CAMERINO, o paizano volante,
N'essa tela — fiel resaltou !
Sol em pino lhe doura o semblante !
Como adeus, em voz alta e vibrante,
Inda o motte de guerra soltou :**

**Ou morre o homem na lida,
Feliz, coberto de gloria,
Ou surge o homem com vida,
Mostrando em cada ferida
O hymno de uma victoria! . . .**

.....
.....
.....
.....
.....

Marianna agora,
Flor na solidão,
Ao Senhor implora ;
Desditosa chora
Por seu caro irmão !

Um presentimento
Mau, cruel, tenaz,
Em seu pensamento
Lhe passa agourento,
Lhe trnbando a paz !

Teve um sonho um dia . . .
Mas, que sonho ! horror ! . . .
Suor de agonia
Desde a noite fria
Desbotou-lhe a côr !

Quando a brisa passa,
Quando a lua vem ;
Quando, em noite crassa,
Frio o sul perpassa,
Não se vê ninguém ;

Quando o mar balouça
Rolando escarceos ;
Por que um anjo a ouça,
Canta a triste moça
N'uma voz dos ceos :

Meu Deus ! que sina ! que desdita a minha !
Repleto o calix transbordou de fel !
Um só desvelo n'este mundo eu tinha,
E o som da guerra m'o roubou ! — mesquinha !
Saudade amarga ! solidão cruel !

Minha alma é o lago que, na face liso,
 No fundo occulta lia e lodo — só !
 Não mais meus labios hão de ter um riso !
 Tenho na estrada que sósinha piso
 Cardos, espinhos, serpes, urzes, pó !

« Minha alma — a rôla á viuvez exposta ;
 Minha alma — um echo que sem voz ficou ;
 Minha alma — a folha que o mormaço tosta ;
 Minha alma — a nave que foi dar á costa ;
 Minha alma — o cedro que o tufão lascou !

« Eu era a fonte, elle o murmurio era,
 Elle era o canto, mas eu era os sons ;
 Elle era o sol, eu era a primavera ;
 Eu a bonina, a que o favonio dera
 Elle o favonio — seus mais bellos dons ! . . .

« Meu Deus, valei-me da afflicção no horto !
 Guiae seus passos ! entregae-m'os são !
 Vêde minha alma sem nenhum conforto !
 De mim que fôra, si elle acaso morto
 Cahisse ! oh Deus !... por piedade !... oh !... não !... »

.....

CAMERINO ás batalhas
Vôa como um leão ;
Atira-se ás metralhas,
Por entre as mortualhas,
Ao roncar do canhão !

**Haviam vel-o ufano,
Valente a se bater !
O lindo paizano
Parece um veterano
Criado a combater !**

**Não dobram-no fadigas,
Avança com valor ;
Nas mais accesas brigas,
Ceifando hostes inimigas
Vereis o lidador !**

**Soldado só nas lidas,
Braço a braço a lutar,
Tivesse elle cem vidas,
As lanças desabridas
Havia de affrontar !**

Cahia um companheiro
Exhausto sobre o chão,
Com seu golpe certo
Buscava — elle o primeiro —
Vindicar seu irmão !

Vio morrer sem corôas seu commandante Freitas,
Ao halito pestifero do abutre horrendo e crú! . . .
O' morte que em privar-o dos louros te deleitas,
Não tens de sangue ainda as fances satisfeitas?! . . .
— Mais outro companheiro vio morto em Curuzú !

Cahe morto sobre a poeira do campo da batalha
Seu amigo da escola, desde a idade infantil,
Ô — Calasans — que teve por panno de mortalha
A brásila bandeira fincada na muralha
Da fortaleza imigã por seu braço viril !

Paraphraseia o motte gravado na memoria,
 E brada entre soluços o paizano ahi :
 « Morreste homem na lida, feliz, cheio de gloria ! ...
 Morrer tambem desejo aos hymnos da victoria,
 Morrer feliz, na lida, qual eu morrer te vi ! ... »

Depois, finda a batalha, ao funeral assiste
 Do amigo que em seu posto como um bravo morreu !
 As faces se lhe cobrem de pallidez tão triste ! ...
 Quem pôde, alma de eleito, dizer quanto sentiste
 Levando á sepultura o mais que amigo teu ? ...

Como a arvore indiana que está de noite aberta,
 E de dia cerrada, ninguem sabe porque,
 De CAMERINO a face de dia está coberta
 De taciturna sombra ; mas em noite deserta
 A alma sua se expande, canta e murmura ... o que ? ...

Esse segredo escondido
Ninguém mais soube, ninguém !
A's vezes algum gemido
Foi-lhe acaso surprehendido !
Mas o gemido ... por quem ?

Era decerto a lembrança
De sua pallida irman ;
Era essa tibia tardança,
Ou talvez dubia a esperança
De ver a patria louçan !

Quem sabe — a dura saudade
De amigos que já perdeu !
A indizivel anciedade,
O phrenesi d'essa idade,
Os brios que Deus lhe deu !

Era de vida a plethora
A refulger, a bulhar ;
Era essa ancia que devora,
Era o presente de agora ;
No passado a mergulhar !

Era da patria o futuro,
Que a linear se distrahe
E em sonhos já vê seguro !
Era um rabido esconjuro
Ao Nero do Paraguay !

Mal haja o abutre que estrefega um povo
Nas garras duras do egoismo vão !
Do despotismo esse fatal renovo,
Que ao ferro antigo dando gume novo,
A arvore santa derrihon no chão !

Mal haja o impio que não tem no peito
Um sentimento natural, um só !
Que não se curva, nem tributa preito
Dos povos livres ao commum direito,
E mata um povo com prazer, sem dó !

« Mal haja o tigre que sanhudo esmaga
Um povo inteiro que estrebuxa e cahe !
Attila infrene que de sangue alaga
Esta formosa, desgraçada plaga,
Nação guerreira que ao patibulo vae !

Do Prata as aguas pelo sangue tintas
Vão murmurando — maldição ! horror ! —
Monstro nefando, que cruel requintas
A ira, a furia, sem pudor não mintas
Amor chamando teu brutal furor !

« Patria ? — não vejo ! Liberdade ? — engano !
Ouço a agonia d'este povo nú !
Vejo o barrete de um feroz tyranno.
Contemplo a sanha de teu riso insano,
Só ouço victimas, cujo algoz — és tú ! ... »

Glorisemento
Apostrophou !
Seu pensamento
No isolamento
Desabafou.

A liberdade
E' o sonho seu !
A humanidade
E' na verdade
Um Prometheu !

E no rochedo
Si a vão pregar,
Tarde ou mais cedo,
Ha de, sem medo,
Se desligar !

A terra houve
Novo Moysés !
Dar-nos lhe aprouve
Sol que não ouve
Os Josués !

Na infinda senda
Não ha parar !
Judeu da lenda,
Não arma a tenda !
Marchar ! marchar !

**Mas elle, a quem o sol da liberdade
 O berço illuminou de raios mil ;
 Amamentado ao leite da verdade
 Da doutrina christan, na santidade
 Dos direitos do povo no Brasil ;**

**Não pôde comprehender que um povo escravo
 Sofra indagora os tratos da polé !
 Nem que os martellos de tyranno ignavo
 Possam duros pregar um duro cravo
 Na roda d'Ixion, que o progresso é !**

**Vê nossa patria navegar no rumo,
 Que soberana imprime a opinião !
 Vê que o illustre monarcha, mão no prumo,
 Lança as grandes ideias ao consumo,
 Quando as tem fecundado a discussão !**

Vê a sciencia progredir ao lado
Das industrias, das artes liberaes !
Vê que a riqueza tem multiplicado ;
Mais activo o commercio e mais alado,
E tudò a progredir, a mais e a mais !

Das estradas de ferro ouve o assobio,
Do hymno do progresso agudo som !
Electrico transmite a ideia o fio ;
Ennovela-se o fumo fugidio
Do vapor ! — tudo marcha ! e Deus é bom ! . . .

Liberdade o idyllo
É do povo rei !
Abrio bem o cilio,
Traço de Popilio
Só lhe impõe a lei !

Muito embora queira
Despotismo atroz,
Na subtil carreira,
Offuscar a esteira
Que o sol deixa após ;

Impotente luta !
Que irrisão não é !
A razão refuta
A doutrina hirsuta
Dos autos-de-fé !

Si as nações aggride
Hydra horrivel, má ;
Surge um novo Alcide,
Que ao entrar na lide
Vencedor é já !

O mundo caminha :
Brada Pelletan !
À opinião rainha
O povo encaminha
Para seu canaan !

.....
.....
.....
.....
.....

A' chamada ligeira clama a corneta estridula !
A' frente de seus bravos o general está !
Já cavalga o ginete, que a terra escarva soffrego,
Relincha de insofrido, sacode as crinas ardego,
Ao fumo das batalhas de ha muito affeito já !

De Porto-Alegre a espada ameigam raios fulgidos
 Do sol que ha de doirar-lhe mais um gentil florão!
 Na face desnublada, espelho da alma intrepida,
 O anjo das victorias com a ponta da aza candida
 Roçou, nnncio da gloria do impavido barão! (2)

« Avante ! — brada — avante ! » E como um fluido electrico
 A voz abala os animos, e arrastra os esquadões !
 Rouqueja a artilharia, cruzam pelouros lnridos,
 Vôam metralhas duras, chovem granadas horridas !
 Em columnas contiguas avançam os batalhões !

Por entre o denso fumo brunida fulge a lamina
 Da espada flammejante que vibra mão viril !
 Rompendo os abatizes, ceifando hostes fanaticas,
 Que o chão mordem rangendo, uivando uns sons phreneticos!
 A hyena raiva, brama, e morre em seu covil !

**No acceso da batalha, já seu cavallo indomito,
 Ferido de uma bala, correu, rinchou, cahio !
 As ondas se entrechocam, recuam, voltam gravidas
 De fogo e fumo e furia, e horror e morte rispida ! . . .
 Um *dies iræ* biblico tremendo ali se vio !**

**« Avante ! — brada — avante !
 Vos chama a gloria ali ! »
 E a espada scintillante
 Aponta-lhes deante
 — Além — Curupaity !**

**Os brios se refazem,
 Mais accende-se a acção !
 Prodigio os bravos fazem !
 Parte já mortos jazem,
 Parte invenciveis são !**

E as nuvens da metralha,
 A morte a arremessar !
 No campo se embaralha,
 Nas ancias da batallia,
 A onda militar !

Belligeras cohortes
 Não temem projectis !
 Bello o dia dos fortes ! . . .
 Em civicos transportes
 Avançam senhoris !

« Mais um pouco ! a victoria
 — Disse — além nos sorri !
 Não tarda muito a gloria ! . . .
 O resto — dil-o a historia ;
 O mais — Curupaity !

.....
.....
.....
.....
.....

Até quando entre os povos do universo
Ha de vigorecer, guerra, teu jus
Quando, nas ondas do passado immerso,
A humanidade te haverá disperso,
Direito do mais forte ! . . . oh ! venha a luz !

Venha a luz, pela qual o vate hermanico
O grande Goëthe, inda a morrer clamou !
A luz que das nações no livro organico
Apague os traços d'esse jus satanico,
Que nem do Christo o sangue derogou !

Guerra ! a guerra ! — o direito de dar morte
A multidões inteiras ! vil paixão !
Que faz pender ao lado do mais forte .
Da justiça a balança, a bem da sorte,
Juizo caprichoso, cego, vão !

É tempo ! é tempo ! — A humanidade clama
Pelo sol de uma paz universal !
Discutam as nações, solva-se a trama
Dos direitos que cadaqual reclama,
E gladio seja a pluma imparcial ! . . .

Quanto sangue nos têm custado os louros
Ganhos do Prata nas regiões — ali !
Quantos olhos de mãe merejam choros,
N'esses dias de gloria immorredouros,
N'um dia como vio Curupaity ! . . .

N'esse dia CAMERINO
Sente febre de esgrimir !
Avança louco, sem tino,
Como si a mão do destino
Viesse á gloria o impellir !

Lembra-lhe a patria insultada
Por esse infame villão !
Cora de ver aviltada
A viva côr, desbotada,
Do auriverde pavilhão !

Morde os labios de despeito
Vendo a imiga intrepidez !
Mais ardor cobra no pleito,
Avança audaz, escorreito,
Tendo a gloria por pavez !

Vem um pelouro perdido,
 N'elle inclusa a morte vae !
 Bate no peito aguerrido
 Do moço que malferido,
 Cambaleia . . . avança . . . cahe !

« Ou morre o homem na lida,
 « Feliz, coberto de gloria . . . »

.....

 Disse . . . E já morto, sem vida,
 Nem ouvio por despedida
 Os hymnos de uma victoria! (3)

NOTAS DO AUCTOR

(1) Historico. Toda provincia de Sergipe conhece o facto a que alludimos.

(2) Hoje conde de Porto-Alegre.

(3) Camerino, quando marchou para o Paraguay, ia todo embebido da leitura do — *D. Jayme* — de Thomaz Ribeiro, poema que só por si vale uma reputação. Já d'aqui os versos do — *D. Jayme*, — que servem de epigraphe á esta poesia, eram o inestimavel motte do valente paizano; lá continuaram a sel-o constantemente: e por uma notavel coincidencia, quando expirou, foram esses versos nervosos, que elle tanto repetira, suas ultimas palavras.

Abençoada a campa que tem um tal epitaphio!

João Guilherme Carneiro







